

# CARTA MENSAL

## COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

ANO XI - Nº 50 - OUT/DEZ/98

Redação: Victorino Chermont de Miranda

### CÂMARA CASCUDO: GENEALOGISTA

Victorino Chermont de Miranda  
Sócio titular

O centenário de Câmara Cascudo, que ora transcorre, é motivo de júbilo e orgulho para seus conterrâneos do Rio Grande do Norte. E deve sê-lo também para todo o Brasil, pela significação de sua obra como historiador e, sobretudo, como folclorista. Quiçá, o maior dos nossos. Ícone e sinônimo da própria idéia de folclore entre nós.

Luis da Câmara Cascudo nasceu em Natal, em 30 de dezembro de 1898 e lá faleceu em 30 de julho de 1986. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife (1928). Lecionou por largo tempo no magistério secundário de seu estado e, depois, na Faculdade Federal do Rio Grande do Norte, nos cursos de Direito e Antropologia. Dirigiu o Instituto de Antropologia da UFRN, hoje transformado no Museu que leva o seu nome.

Sua produção diretamente ligada à história oral e à cultura popular, com seus usos, lendas e mitos, soma cerca de 150 títulos, além de 3000 artigos e crônicas e um epistolário de mais de 1500 cartas.

Mas o que pouca gente sabe é que Câmara Cascudo foi também genealogista, não certamente, no apego a cânones metodológicos, mas naquilo que melhor define este ramo do conhecimento: o desvendar das raízes, a reconstituição da malha social que se esconde sob tantos nomes e sobrenomes, e o resgate da saga de cada grupo familiar. Genealogia não apenas como cronologia de uma determinada família, mas com o verdadeiro substrato, que reclama e conflui para a História da Família e, através dela, para a própria História Social.

Nessa condição, participou do movimento genealógico dos anos quarenta, filiando-se ao Instituto Genealógico Brasileiro, de Salvador da Moya, em cuja *Revista* escreveu "A família Ribeiro Dantas" (1940) e "Os Carrilhos do Rio Grande do Norte" (1941).

Publicou, também, *A família do padre Miguelinho* (Natal, s/d) e um esboço biográfico-genealógico sobre os Azevedo Maia, de velha cepa potiguar, intitulado "O fundador do Jardim do Seridó", no seu *O livro das velhas figuras* (Natal, 1974, v. 1). E no volume 6 dessa mesma publicação, não fez por menos: resenhou, em crônicas diversas, os Albuquerque Maranhão, das Estivas; os Rego Barros, do engenho Ferreiro Torto; a prole de Ritinha Coelho - a que arrostara a turba e a tropa, na edição de 1817, para amortilhar o cadáver de um revolucionário - e a estirpe de Gonçalo Morgado, trisavô de d. Jaime de Barros Câmara, 1º bispo de Mossoró e depois cardeal do Rio de Janeiro. E isto esmiuçando datas transcrevendo certidões, espancando dúvidas e aclarando controvérsias.

Biógrafo, não sabia compreender a reconstituição da trajetória de alguém se ela não fosse, ao mesmo tempo, o desvendar de suas raízes. O afirmar-se de cada um na continuidade dos seus. Do ontem no hoje e do hoje no amanhã dos filhos e netos, como rebentos de um velho tronco, a esgalhar-se sempre mais. E foi o que fez no livro *Jerônimo Rosado*: uma ação na província, ligando

